



O POETA BANDEIRA

José Sarney

São Luis de 1947 tinha pouca diferença de S. Luis de 1847. É verdade que as árvores não eram mais as mesmas, mas, os homens, sim. Tinhamos tertúlias literárias, saráus, lenços perfumados, namoradas nas sacadas e todos acreditávamos que o centro do mundo era o Largo do Carmo.

Uma geração de moços cultivava Gonçalves Dias, numa sociedade literária que se reunia, aos domingos, no Salão do Litero e, durante toda a semana, em "rodas" pelas esquinas e praças. Era o tempo de Lago Burnett, Ferreira Gullar, Reginaldo Telles, Vera Cruz, José Bento, José Filgueiras, Nascimento Morais Filho, Raimundo Bogéa, José Chagas, José Brasil, Agnor Lincoln da Costa. No Centro Cultural Gonçalves Dias faziam conferências Bacelar Portela, Mário Meireles, Clodoaldo Cardoso. Ali cultivava-se a tradição, as formas clássicas, o parnasianismo. Mas, havia um outro grupo de tendências modernistas. Eram os poetas que não rimavam e chamados por isso mesmo de "futuristas", isto é, sem talento. Luis Carlos Bello Parga (com um livro inédito Lira Destemperada), Antonio Luis Oliveira, Lucy Teixeira, os irmãos Evandro e José Sarney e um grupo de brilhantes pintores que era o forte: Floriano, Figueiredo, Cadmo, depois Pedro Paiva.

Os jornais traziam sempre polémicas literárias. Formava-se partido em torno de pessoas, discutia-se, brigava-se e não raro inimizava-se. Os poetas mais consagrados usavam a sua cabeleira ou o seu bigode, à moda Castro Alves ou Bilac e não faltavam aqueles que exageravam com o cultivo da gadelhas tipo Guimarães Passos. Era um

mundo que envelhecera, cheio do encanto das coisas simples e ingênuas. A guerra passara e no ar havia o cheiro das mudanças que iriam chegar.

Recrio essa vida com a lembrança de uma sombra em que tudo foi embora e desapareceu. A nossa geração — grande geração — iniciava o caminho. Hoje, nós já não existimos mais e chegamos ao cinqüenta. É a idade dos mestres. Nela acaba de entrar Bandeira Tribuzi.

Eu o conheci nesse tempo, numa tarde de São Luis, à porta do Bar do Chico. Era um rapaz de óculos grossos de tartaruga, acentuado sotaque português e tímido. Em Companhia de Floriano Teixeira mostrei-lhe uns versos que tinham o título ridículo de Promenades. Gostou, deu-me conselhos e iniciamos uma amizade que há trinta anos nos une. Tribuzi chegava de Portugal, vindo de Coimbra, depois de haver abandonado o ideal do seu pai — a inesquecível figura humana de Pinheiro Gomes — de fazê-lo frade da Irmandade franciscana e prior da Irmandade do Carmo.

A partir de então Bandeira Tribuzi juntou-se à nossa igreja literária e foi um modernizador. Sua influência passou a ser preponderante na literatura do Estado. Não era só o poeta maior mas, sobretudo, o homem que abria a todos nós uma clareira que sem ele, seria impossível desvendar. Era o mundo da poesia nova de Portugal. Bandeira Tribuzi chegara da Europa com Fernando Pessoa, Miguel Torga, José Régio, Antonio Botto, Fernando Namora, Mário de Sá Carneiro, García Lorca, Antonio Machado. Eu os devorei como quem descobre um tesouro inatingível

e por eles cheguei aos poetas do neo-modernismo brasileiro. O meu caminho passou a ser o de todos da nossa geração. Tribuzi não só com sua presença servia de elemento vitalizador da literatura da província, como passou a formar escola. Em breve todos nós sofríamos a influência de sua poesia. Até mesmo o Centro Cultural Gonçalves Dias passou a "modernizar-se". Gullar e Burnett comandavam a mudança. Assim, não seria exagero e apenas um ato de justiça a afirmação de dizer que o papel representado por Souzaândrade, para a poesia maranhense, no século XIX foi seguido por Bandeira Tribuzi, em nosso século.

Chegava o seu primeiro livro "Alguma Existência" e ele sabia o que ele significava em termos de mudança para a literatura maranhense daqueles anos. Sua dedicatória, na vaidade dos vinte anos, é uma consciência desse fato: "Para José Sarney Costa, certo de que ele saberá continuar o caminho que não inventei, mas, fui o primeiro a proclamar, (em este) livro no Maranhão. Bandeira Tribuzi — 4.9.48.

Seguiu-se Rosa de Esperança, Pele e Osso e uma permanente atividade literária em nossos jornais, abrangendo os campos da poesia, da crítica, da sociologia, da música, da política, da ficção e de estudo da realidade maranhense.

A sua importância para a literatura maranhense é das maiores. A exemplo de João Lisboa, de Sotero, de Nascimento de Morais — nunca foi seduzido pela aventura da metrópole. Aqui conseguiu a reputação nacional de um dos nossos maiores poetas. Sua poesia pro-

fundamente carregada dos valores líricos portugueses, aqui cresceu em força e foros de vanguarda.

Somos amigos ao longo dessa vida toda, uma amizade cujas raízes mais profundas estão na poesia. Foi ela que nos aproximou, foi ela que nos deu força para vencer todos os desafios do trabalho, foi ela que nos fez irmãos e nos dá a pausa para, dentro dos maiores problemas, pararmos para o conforto de um poeta, um conto, um plano de romance, um sonho de arte.

A figura humana extraordinária que é Bandeira Tribuzi, como que completa sua imagem de grande poeta. Ele é daqueles que não quis ser somente poeta, ele quis viver a poesia. Stephen Spender, certa vez, num hotel de Londres teve de preencher uma ficha de portaria. A recepção ficou estupefada, com a resposta à pergunta: profissão? E ele respondeu POETA! Tribuzi é dessa mesma linguagem. Se pedissem que definisse a sua vida, ele não teria outra definição senão a da poesia.

Uma das características de sua personalidade contudo é a paixão por tudo que faz. Essa paixão se reflete numa escala que vai da apoplexia a um pálido silêncio que esmaece a cólera, com um jeito de auto perdão. Discutia poesia como discute, hoje, futebol. Mas, em qualquer hora, de repente, no cotidiano ou nos momentos extraordinários, nele baixa o poeta. Aí, a realidade foge e aparece somente o artista, característica central de sua vida. Por causa da poesia tornou-se asceta e santificou-se, deixando que os seus dias fossem apenas uma parcela desse seu grande sonho e permanente sortilégio.